

INRC DO JONGO NO ESPÍRITO SANTO
Campo 4 – Localidades: Sul e Norte
(Mimoso do Sul, Castelo, Vargem Alta, Divino de São Lourenço, Linhares e São Mateus)

Período: 13 a 18 de junho de 2014

Equipe de Campo: Raul Amaro de Oliveira Lanari (Historiador/Mestre em História) e Robson Lima (motorista)

1. Descrição das atividades de campo e informações dos grupos visitados:

Os trabalhos de campo tiveram início no dia 13/06, com o deslocamento da equipe na cidade de **Divino de São Lourenço**, local de existência do **Caxambu de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha**, localidades fora da zona urbana do município. No dia 14/06 pela manhã foi feito contato telefônico buscando o agendamento de entrevista com o Sr. Jair Isaías Gomes, mestre do grupo, o que levou ao conhecimento do falecimento do mesmo uma semana antes. Foi possível conversar com Orides Gomes, filho de Jair Isaías, que relatou a trajetória de vida de seu pai, a forma de associação entre os participantes do Caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha e detalhes sobre as práticas de reciprocidade entre os diversos grupos de Caxambus existentes na região sul do estado do Espírito Santo. O Caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha surgiu por iniciativa pessoal de Jair Isaías, cujos antepassados teriam se instalado na região de Córrego Amarelos depois o fim da escravidão. O pai de Jair Isaías, Olinto Isaías Gomes teria, junto com irmãos, adentrado a mata e construído um rancho no qual passou a residir com sua família longe do poder dos fazendeiros. Durante o século XX muitos dos membros da família foram deixando o local, vendendo suas propriedades a preços módicos ou mesmo sendo expulsos por fazendeiros. Os que permaneceram no local, os pais e tios de Jair Isaías, faleceram há algumas décadas. Somente ele restou no local como detentor da prática, que aprendeu com seus antepassados e tentava transmitir aos mais novos em Córrego Amarelos. Em outra localidade na zona rural de Divino de São Lourenço, denominada Patrimônio da Penha, havia também praticantes do caxambú, e a dificuldade de reunir os grupos nas duas localidades levou Jair Isaías a promover a reunião dos mesmos. Ele foi o principal articulador da forma de expressão em Divino de São Lourenço, agendado os encontros para ensaios, as apresentações e fazendo visitas a grupos de outras cidades, praticando uma espécie de “reciprocidade” que garantia a visita a outras comunidades e a presença de grupos de fora nos festejos organizados em Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha. Jair Isaías Gomes foi o mestre do caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha até sua morte, que ocorreu após o mesmo se sentir mal quando visitava um grupo de caxambú amigo em município próximo a Divino de São Lourenço.

No mesmo dia 14/06 a equipe se dirigiu ao município de **Mimoso do Sul**, onde buscou por informações a respeito da existência de grupos de Caxambu em região conhecida como **Dona América**, próxima à divisa com o Rio de Janeiro e local onde funcionou uma Estação Ferroviária até a metade do século XX. As informações fornecidas por moradores não apontavam a existência de grupos de Caxambú no local, porém foi possível identificar menções à prática no passado, o que levou a equipe a planejar visita não agendada na manhã do dia seguinte. No dia 15/06 pela procedeu-se à visita à localidade de Dona América, onde foram obtidas com o Sr. João Correia informações sobre a existência, no passado, de um Caxambú na localidade conhecida como “Pastinho”, próxima à linha férrea, onde reside o Sr. Francisco Amâncio da Silva, conhecido como Sr. Xavier. Deslocando-se até o local foi possível encontrá-lo, que guarda até os dias atuais os tambores fabricados por seu pai, Joaquim Amâncio da Silva. Foi realizada entrevista em que foi possível registrar histórias das antigas reuniões nas imediações da capela de Santa Cruz, nas quais Joaquim Amâncio da Silva reunia tocadores para festividades que reuniam os moradores de diversas comunidades no entorno da localidade de Dona América. Foi realizado registro fotográfico dos tambores guardados pelo Sr. Francisco Amâncio da Silva e da Capela de Santa Cruz.



Tambores guardados pelo Sr. Francisco Amâncio da Silva, referentes ao Caxambú de Memória do povoado de Dona América.

Foto: Raul Lanari, 15/06/2014

Ao final da manhã do dia 15/06 a equipe se dirigiu à sede do distrito de **Santo Antônio do Muqui**, onde procurou pelo Sr. Francisco Amaro, Presidente da ASFOSAM – **Associação de Folclore de Santo Antônio do Muqui** -, fundada em julho de 2010 e que é responsável por organizar as manifestações folclóricas da comunidade, tais como as pastorinhas, o bumba-meu-boi e o caxambu. O Sr. Francisco Amaro relatou que o caxambú é uma prática cultural ainda executada pelos

moradores de Santo Antônio do Muqui dentro das apresentações do Grupo de Danças da ASFOSAM, apesar da diminuição da frequência das apresentações e do número de membros envolvidos nas mesmas. Apesar disso, Francisco Amaro relatou que as brincadeiras, dentre elas o caxambú, marcaram a vida de Santo Antônio do Muqui desde o surgimento do arraial. Ele relatou que travou contato com a manifestação cultural por intermédio de seu pai, Antônio Gomes Amaro, principal incentivador dos festejos, e que apenas poucos dos antigos participantes do caxambú ainda possuem lucidez para rememorar as histórias passadas, sendo ele o principal detentor da prática cultural.

Na ocasião da visita da equipe ao distrito de Santo Antônio do Muqui estava sendo realizada a festa de Santo Antônio, padroeiro local, com grande aglomeração da população na Matriz de Santo Antônio, onde se realizava uma missa. O Sr. Francisco Amaro acompanhou a equipe à sede da ASFOSAM, onde se encontram guardados os instrumentos e adereços utilizados pelo Grupo de Dança nas apresentações. Foi possível registrar o tambor utilizado na prática do Caxambú, feito a partir de um barril de madeira, muito distinto dos padrões dos tambores relacionados à prática do Caxambú em outras comunidades do estado do Espírito Santo. Não foi possível fazer registro de apresentação do Grupo, visto que o mesmo não participaria da programação cultural da Festa de Santo Antônio



Sr. Francisco Amaro, mestre do Caxambú de Santo Antônio do Muqui, organizado pela Associação Folclórica de Santo Antônio do Muqui.

Foto: Raul Lanari, 15/06/2014

No dia 16/06 pela manhã a equipe se dirigiu ao município de **Castelo**, onde havia agendado uma entrevista com a Sra. Maria da Penha de Souza, antiga praticante do Caxambú na comunidade

denominada “**Sessenta**” e na **Fazenda Santa Helena**. Dona Maria da Penha de Souza relatou ter participado de muitos caxambús, principalmente em sua juventude, influenciada pela afeição de eu pai, Marcelino Bernardes de Souza, e sua mãe, Silvina de Souza, nos festejos realizados na região do “Sessenta”, principalmente as dedicadas a Santo Antônio. Maria da Penha afirmou que participava dos festejos apenas dançando, não se atrevendo a “bater caxambú” e arriscar jongs, o que poderia ser mal visto pelos outros participantes. No início do século XX, segundo relatou, o mestre de maior reconhecimento se chamava Herculano Mamede. Segundo a entrevistada, ainda existem pessoas que sabem “bater o Caxambú” em Castelo, mas a mudança no modo de vida fez com que os mais jovens perdessem o interesse na prática. Dos antigos participantes restariam vivos, segundo Maria da Penha, apenas o Sr. Adalberto e a Sra. Nides Mamede, uma “jongueira de primeira”, responsável pela elaboração de cânticos sobre “as coisas erradas de todo mundo”.

Ainda no turno da manhã foi possível encontrar a residência onde vive a Sra. Nides Mamede. Seus filhos permitiram a visita à senhora de mais de 90 anos que, mesmo com dificuldades de comunicação devido a um Acidente Vascular Cerebral, forneceu valioso depoimento a respeito da prática do Jongo e do Caxambú no município de Castelo. Dona Nides Mamede é sobrinha de Herculano, principal mestre do **Caxambú da Fazenda Santa Helena**. Ela relatou histórias antigas que deram origem a cantos entoados, detalhes sobre a forma de realização das reuniões do Caxambú, os tipos de dança, os toques dos tambores e nomes de destacados mestres, dos quais destacou o nome de Ataíde Bengala. Dona Nides afirmou ter tomado conhecimento da realização do Caxambú no centro de Castelo, mas afirma não ter sido convidada, pois mesmo não podendo mais dançar ela estimaria muito poder pelo menos ouvir as pessoas “batendo o caxambú”. Os tambores antigos ainda existem, estando guardados por Ramires Osório e Mercedes Zardo, sendo utilizado esporadicamente nas apresentações, que, segundo Dona Nides Mamede, não respeitam mais o antigo calendário de festas e ocorrem no centro da sede do município de Castelo.

Na parte da tarde foi ainda possível à equipe se locomover até o município de **Vargem Alta**, na localidade onde se encontra a **Comunidade Quilombola de Pedra Branca**. Havia indicações da existência, no passado, de um Caxambú, o que foi confirmado em entrevista com a Sra. Amélia dos Santos. Ela relatou que no passado o Caxambú era realizado na localidade conhecida como **São Pedro**, próxima às terras da Pedra Branca, principalmente nas datas dedicadas a São Antônio, São Pedro e Santo Antônio. Dona Amélia afirmou que a prática do jongo era comum na região, com desafios, “amarrações” e cantos proibidos. Havia caxambús que não eram indicados para os mais jovens, o que ela lembra vividamente por ter sido impedida de assistir a várias ocasiões em que se “bateu o caxambú”. O interesse era gerado não somente pelos cantos, toques e danças, mas por tudo o que cercava a prática dos caxambús, como grandes fornos dedicados à fabricação de pratos a base de milho, a possibilidade de festejar madrugada adentro, as histórias compartilhadas pelos mais

velhos, que por vezes remontavam ao tempo da escravidão. Segundo a entrevistada este tempo “dos antigos” não volta mais, devido ao choque de gerações que marca os duas atuais. Os mais jovens, nos dizeres da entrevistada, não permanecem na comunidade, se dirigindo a outros municípios.

No dia 17/06, no turno da manhã, a equipe se deslocou de Vargem Alta para **Linhares**, atravessando o estado do Espírito Santo. Na chegada a Linhares foi realizada visita **povoado de Guaxe**, na saída para São Mateus, onde a equipe registrou entrevista com a senhora Celeste, indicada por moradores locais como uma das principais envolvidas na prática do Congo, associada ao Caxambú na localidade. Dona Celeste relatou a história da prática do Congo, denominado no local de “**Tambor de São Benedito**”, e ressaltou o estreito vínculo entre sua família e a manifestação cultural. Segundo a mesma, seu avô, seus pais e tios se dedicaram durante toda a vida à organização do Congo no terreno de sua família, onde ela reside atualmente com seus filhos e agregados. Ela indicou o Sr. Benedito como o principal responsável, atualmente, pela organização dos festejos. Foi possível fazer registros fotográficos dos tambores e demais instrumentos de percussão utilizados nos festejos e também da imagem de São Benedito, padroeiro local e principal homenageado no Congo, que Dona Celeste chama carinhosamente de “Congo de São Benedito”.



Dona Celeste, representante do Tambor de São Benedito, no Povoado de Guaxe, município de Linhares, e os instrumentos percussivos da prática existente no local.

Foto: Raul Lanari, 17/06/2014

A última comunidade visitada, no dia 18/06, foi a de **São Cristóvão**, no município de **São Mateus**. No local foi registrada entrevista com o Sr. Antônio do Nascimento, conhecido como “Tonhão”, mestre do “**Jongo de Santo Antônio**”, que proporcionou longa conversa sobre a realização do

Caxambú desde o tempo de deus avós. Segundo o entrevistado no passado a participação da comunidade de São Cristóvão era muito grande, chegando o grupo local a reunir mais de 40 participantes, entre tocadores de tambores, cantores e dançarinos. Com o passar dos anos, o falecimento dos praticantes mais antigos e o êxodo de moradores para cidades do Espírito Santo e Bahia, a prática acabou ficando restrita à família do Sr. Antônio, que lidera o grupo local e atua como líder comunitário e gestor cultural junto à Prefeitura Municipal de São Mateus. O Sr. Antônio relata que as administrações municipais possuem inconstância no apoio às práticas populares, o que os leva a não conseguir estabelecer iniciativas de longo prazo para garantir a vitalidade da prática. Não obstante, afirma que, no caso de seu grupo, os membros de sua família que ainda praticam o Caxambú adquirem com isto a consciência dos efeitos da massificação cultural e da importância de se manter a memória dos ancestrais escravos, que em sua opinião sofreram para que eles pudessem desfrutar de melhores condições de vida no presente.



Sr. Antônio do Nascimento, mestre do Jongo de Santo Antônio, na Comunidade de São Cristóvão, município de São Mateus/ES.

Foto: Raul Lanari, 18/06/2014

2. Observações preliminares sobre os dados recolhidos em campo

Na quarta atividade de campo desenvolvida pela equipe técnica responsável pelo INRC do Jongo no Espírito Santo procurou-se complementar a coleta de dados já realizada nos três primeiros campos com a visita a grupos que ainda não houvessem sido inventariados. Nesse sentido, é possível afirmar que as informações recolhidas fornecem subsídios para confirmar as hipóteses já aventadas

nos relatórios preliminares:

1. A forma de associativismo e manifestação dos grupos responsáveis pelo Jongo e Caxambú nas localidades visitadas assemelha-se quanto à organização institucional, com estrutura hierarquizada por vezes estabelecida em estatutos, a apresentação em eventos culturais promovidos pela iniciativa pública e privada e a prática de visitação de comunidades vizinhas. Não obstante, as diferenças observadas nas trajetórias das comunidades nas quais a forma de expressão acontece levam a distinções quanto a estrutura organizacional dos grupos. Há grupos bastante fechados, e estes foram encontrados, em sua maioria, na região norte do estado. No “Jongo de Santo Antônio”, na comunidade de São Cristóvão, em São Mateus, a prática restringe-se aos membros da família do Sr. Antônio do Nascimento, que afirma preferir organizá-la dessa maneira pela facilidade na reunião dos integrantes e no controle de sua conduta, muitas vezes prejudicada pelo alcoolismo. Na comunidade do Guaxe, em Linhares, Dona Celeste, filha e neta dos primeiros mestres do local, afirma que com a morte dos antigos as famílias que ajudavam na organização do Congo se dispersaram, restando sua família como detentora da prática. O quintal frontal de sua propriedade – onde existem diversas casas onde residem os membros de sua família – é o local onde a forma de expressão é realizada, sendo reconhecido no local por sua centralidade na memória da prática. Já nas localidades da região sul foi possível encontrar grupos constituídos de moradores de comunidades vizinhas, como o Caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha, em Divino de São Lourenço.

2. Nos municípios visitados foi possível confirmar a hipótese, aventada nos relatórios posteriores, de existência de uma estrutura ritual básica que caracteriza a forma de expressão do Jongo ou Caxambú no estado do Espírito Santo. Esta é composta por elementos de canto, dança e toques percussivos de tambores e reco-recos.

Os elementos coreográficos possuem variações com relação às vestimentas e à dinâmica das danças. Em alguns casos verifica-se que a institucionalização da prática ou sua restrição a um grupo específico, como uma família, permitem uma maior organização e padronização das danças. Na localidade de Santo Antônio do Muqui a Associação Folclórica organiza os ensaios do Caxambú, do Bumba-meu-Boi e das Pastorinhas, o que possibilita o desenvolvimento de performances de conjunto. O mesmo foi observado no Caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha, cujo idealizador, o Sr. Jair Isaías Gomes, foi responsável até sua morte pela reunião dos membros e pela coordenação dos ensaios e apresentações na sede da Associação que construiu em sua propriedade. Estas duas manifestações encontradas na região sul lançam nuances sobre as distinções entre a prática nas regiões sul e norte, que serão aprofundadas no decorrer dos trabalhos. Já no Jongo de

Santo Antônio, em São Mateus, o Sr. Antônio do Nascimento organiza rigidamente os ensaios nas ocasiões em que as apresentações são marcadas, confirmando a hipótese de que as ocorrências da forma de expressão no norte do estado se caracterizam pela dança coletiva.

Nos grupos em que a dança coletiva inexistiu ou inexiste, como os encontrados em Castelo, Dona América e na comunidade de Pedra Branca, predomina a dispersão geográfica dos participantes, que se reuniam em ocasiões preestabelecidas, quando os tocadores se encontravam nas localidades ou em festejos dos santos padroeiros. Nesses casos se destacava a dança livre, com predomínio feminino.

Com relação aos tambores, a maioria se assemelha com relação ao corpo formado por um tronco de madeira escavado, com pele de couro fixada por tachas ou pregos. Foram encontrados exemplares com essas características em Castelo, Mimoso do Sul (Dona América), Divino de São Lourenço (Corrego Amarelos e Patrimônio da Penha), Linhares (Guaxe) e São Mateus (São Cristóvão). Em Mimoso do Sul (Santo Antônio do Muqui), no entanto, o tambor utilizado é composto pelo corpo de um barril adaptado, com a pele de couro cobrindo uma das faces vazadas. O número de tambores também apresentou alguma variação. Em Mimoso do Sul foram observadas ocorrências de apenas um tambor (Santo Antônio do Muqui) e de dois tambores (Dona América). A existência de dois tambores também foi observada em Castelo, Divino de São Lourenço e São Mateus. Na localidade de Guaxe, no município de Linhares, foi observado um conjunto de sete tambores com quatro tamanhos distintos, pintados na cor azul e com as peles fixadas em seu corpo por estacas de madeira fixadas em orifícios abertos preliminarmente na face posterior.

Foram recolhidos também alguns exemplares de cantos, que apresentaram estruturas distintas de acordo com a experiência de cada uma das comunidades visitadas. A estrutura, no entanto apresentou semelhanças, com a ocorrência de cânticos específicos de bênção para o início da forma de expressão. Foi observado em alguns locais (Castelo, Mimoso do Sul e Vargem Alta) a ocorrência de desafios e “amarrações”, com cantos cifrados destinados por vezes a apontar desvios de conduta dos praticantes da forma de expressão.

3. Uma terceira hipótese que foi aprofundada foi a de que os festejos nos quais a forma de expressão é praticada dizem respeito ao calendário religioso, o que foi observado em todas as comunidades e grupos visitados. Em Divino de São Lourenço, a despeito da prática ter sido organizada a partir da construção de um Centro Espírita, o sincretismo religioso se expressava na comemoração do Dia de Reis, e das celebrações juninas em homenagem a Santo Antônio, São Pedro e São João. A centralidade das festas juninas também foi observada em Castelo, Vargem Alta, Mimoso do Sul, Linhares e São Mateus. Outras datas celebradas que se pode registrar foram as de São Benedito (Castelo, Linhares), Santa Cruz (Mimoso do Sul – Dona América) e Nossa Senhora

Aparecida (Castelo).

Em algumas comunidades o 13 de Maio também era data festejada com jongs e caxambús, como foi possível identificar em Mimoso do Sul (Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha,), Vargem Alta, Linhares (Guaxe) e São Mateus (Jongo de Santo Antônio).

4. Por fim, importa ressaltar que foram visitadas duas comunidades em que o jongo e o caxambú foram praticados no passado, tendo desaparecido no decorrer do século XX: Dona América, em Mimoso do Sul, e o Caxambú da Comunidade Quilombola de Pedra Branca. Ambos apresentaram características semelhantes com relação à forma de organização, sem a ocorrência de danças coletivas e cantos padronizados. Segundo os depoimentos colhidos a forma de expressão se articulava em torno do detentor dos tambores, denominados nos dois locais de “caxambús”. Não se tratavam de mestres, nos dizeres dos entrevistados, mas de pessoas que aglutinavam praticantes que residiam em propriedades às vezes distantes entre si para a prática dos cantos e danças ao som do toque dos tambores. Em Dona América, no município de Mimoso do Sul, a localidade onde a prática se desenvolveu se encontrava perto de uma estação ferroviária. Em Vargem Alta a prática foi desenvolvida em uma comunidade quilombola, formada por ex-escravos que saíram das terras de seus antigos senhores após a Abolição da Escravatura. A desarticulação das práticas esteve ligada, nos dois locais, ao declínio da forma de associação antiga. No caso de Dona América, o desmonte da malha ferroviária brasileira, com o sucateamento das estações – principalmente as localizadas em pequenos povoados -, gerou o esvaziamento do povoado, que atualmente é ocupado por poucas famílias, tendo restado somente os mais idosos, que aos poucos estão falecendo. Na Comunidade Quilombola de Pedra Branca o que se observou foi que durante a segunda metade do século XX uma grande parte dos antigos moradores deixou o local, prejudicando a manutenção da forma de expressão. Ao mesmo tempo, a chegada de novos moradores contribuiu para que o laço de pertencimento ao caxambú se enfraquecesse, não levando à perpetuação de sua existência. A percepção da principal detentora da memória da prática, Dona Amélia dos Santos, é de que o desaparecimento do caxambú pode ser inscrito no processo de transformação cultural que a “modernidade”, em suas palavras, traz. Os mais jovens, em muitos casos, vão para as cidades e não praticam os hábitos que seus pais praticavam quando jovens, o que torna a conscientização difícil, mesmo em uma comunidade quilombola onde a Associação Quilombola tem atividade destacada na promoção da cultura tradicional.

3. Contatos realizados em campo

Nome	Grupo	Localidade	Telefone
Orides Gomes da Silva	Caxambú de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha	Centro	(028) 99891 - 3666
Maria da Penha de Sousa	Caxambú da Fazenda Santa Helena	Centro	(028) 3542-1869
Nides Mamede	Caxambú da Fazenda Santa Helena	Centro	Não possui telefone
Francisco Amâncio da Silva	Caxambú de Memória Dona América	Localidade de Dona América, Mimoso do Sul	Não possui telefone
Francisco Amaro	Associação Folclórica de Santo Antônio do Muqui	Povoado de Santo Antônio do Muqui, Mimoso do Sul	(028) 99924 2499
Amélia dos Santos	Caxambú de Memória da Comunidade Quilombola de Pedra Branca	Comunidade de Pedra Branca, Vargem Alta	Não possui telefone
Celeste	Congo de São Benedito	Povoado de Guaxe, Linhares	Não possui telefone
Benedito	Congo de São Benedito	Povoado de Guaxe, Linhares	(27) 99978-5391
Antônio do Nascimento	Jongo de Santo Antônio	Comunidade de São Cristóvão, São Mateus	(027) 3763-6075 - orelhão

Temporis Consultoria LTDA

31 32924219

contato@temporis.art.br